



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE
NÚCLEO DE FORMAÇÃO DOCENTE
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

MARIA MÔNICA DE LIRA

**A REPRESENTAÇÃO IMAGÉTICA DA MULHER NEGRA NOS LIVROS
DIDÁTICOS DE HISTÓRIA, GEOGRAFIA E SOCIOLOGIA DO ENSINO MÉDIO
DA REDE ESTADUAL DA CIDADE DE AGRESTINA-PE: PERCEPÇÕES DE
RAÇA, DE GÊNERO E DE TRABALHO**

CARUARU/PE
2018

MARIA MÔNICA DE LIRA

**A REPRESENTAÇÃO IMAGÉTICA DA MULHER NEGRA NOS LIVROS
DIDÁTICOS DE HISTÓRIA, GEOGRAFIA E SOCIOLOGIA DO ENSINO MÉDIO
DA REDE ESTADUAL DA CIDADE DE AGRESTINA-PE: PERCEPÇÕES DE
RAÇA, DE GÊNERO E DE TRABALHO**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em
Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco
(CAA), para obtenção do título de Licenciada em
Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Janssen Felipe da Silva

CARUARU/PE
2018

Catálogo na fonte:
Bibliotecária – Simone Xavier - CRB/4 - 1242

L768r

Lira, Maria Mônica de.

A Representação imagética da mulher negra nos livros didáticos de História, Geografia e Sociologia do ensino médio da Rede Estadual da Cidade de Agrestina-PE: percepções de raça, de gênero e de trabalho. / Maria Mônica de Lira. – 2018.
45 f. : 30 cm.

Orientador: Janssen Felipe da Silva.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal de Pernambuco, CAA, Pedagogia, 2018.
Inclui Referências.

1. Relações étnicas. 2. Negras. 3. Currículo. 4. Livro didático. I. Silva, Janssen Felipe da (Orientador). II. Título.

CDD 370 (23. ed.)

UFPE (CAA 2018-382)

MARIA MÔNICA DE LIRA

**A REPRESENTAÇÃO IMAGÉTICA DA MULHER NEGRA NOS LIVROS
DIDÁTICOS DE HISTÓRIA, GEOGRAFIA E SOCIOLOGIA DO ENSINO MÉDIO
DA REDE ESTADUAL DA CIDADE DE AGRESTINA-PE: PERCEPÇÕES DE
RAÇA, DE GÊNERO E DE TRABALHO**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em
Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco
(CAA), para obtenção do título de Licenciada em
Pedagogia.

Aprovado em: 17/12/2018

Banca examinadora

Profº Doutor Janssen Felipe da Silva

Instituição: Universidade Federal de Pernambuco-UFPE/CAA

Assinatura: _____

Profª Mestra Aline Renata dos Santos

Instituição: Universidade Federal de Pernambuco-UFPE/CAA

Assinatura: _____

Profª Mestra Camila Ferreira da Silva

Instituição: Universidade Federal de Pernambuco-UFPE/CE

Assinatura: _____

CARUARU/PE
2018

Dedico completamente este trabalho a minha mamãe: Maria Ivone da Silva Lira, pois ela me deu à luz, me ensinou, me educou, cuidou de mim, me amou/ama, visto que seu amor reflete ao amor puro e verdadeiro que vem de Deus para que hoje eu fosse essa pessoa que hoje sou. Esta mulher humilde, agricultora que mesmo não concluindo seus estudos incentiva a todas nós filhas estudar. Obrigada por todos os ensinamentos.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus e Nossa Senhora por sempre me fortalecer nos momentos difíceis que já enfrentei e enfrento até hoje, por não me desanimar e sempre persistir naquilo que sou de melhor.

Agradeço aos meus pais por estarem ao meu lado me apoiando, me compreendendo mesmo em meio as dificuldades. A minha mamãe Maria Ivone, que sempre esteve ao meu lado, me ajudando e me auxiliando na minha caminhada enquanto estudante, a qual sempre organizava minha bolsa até a preocupação de como eu iria pagar o transporte. Ao meu papai Antonio por sempre está disponível nos momentos que sempre precisei, principalmente de transporte para ir a Universidade.

Agradeço a minha segunda mãe Marluce e a toda a sua família que me acolheu em sua casa desde do início da minha graduação até hoje, sou grata pelo acolhimento, carinho, cuidado, ensinamentos e acomodação em seu lá.

Agradeço a seu Erasmo "In Memoriam" por ter me ajudado financeiramente no início do meu ingresso na Universidade.

Agradeço a todas as minhas irmãs: Maria Leonice, Thais, Mikaele, Fernanda, Isabela por sempre estarem ao meu lado, me auxiliando no que foi preciso nesse processo de formação, que torcem por mim, que se orgulham de mim por estar concluindo um curso superior.

Agradeço as minhas amigas e amigos que se fizeram presentes de forma direta ou indireta que foram contribuintes ao meu processo de formação. A Manuela D'arc, que foi/é minha companheira acadêmica, da Iniciação Científica (PIBIC), de trabalho e de vida pessoal, uma união firmada por Deus, vem me ensinando e ensina muito com os conhecimentos que já tem. A Renata Ribeiro e Daysiane Roberta que também foram minhas companheiras acadêmicas, que sempre fizeram presentes na minha vida, agradeço pelo apoio, pela paciência, pelo carinho, pela escuta, por cada conselho dado que só me fizeram crescer na minha formação e na vida. A minha amiga irmã Helaine que sempre torceu pelas minhas conquistas e sonhos, que nunca disse um não quando eu precisei.

A Jeimeson “meu assistente técnico”, o primeiro a dar a notícia de que eu havia passado no vestibular, sem ele acredito que não teria conseguido realizar minha inscrição para prestar vestibular, agradeço pelo apoio, por sempre está presente na minha caminhada acadêmica que sempre estava ali para me auxiliar desde dos trabalhos iniciais acadêmicos, para impressões, para estudar comigo.

As/os professoras/es deste curso que colaboraram para meu processo de ensino e aprendizagem para a minha formação, em especial: a professora Alcione Mainar pelo carinho, apoio e ampliando desconstruindo/construindo meus conhecimentos sobre a educação das relações Étnico-Raciais na Eletiva: Educação Intercultural.

Meu agradecimento ao meu orientador professor Dr. Janssen Felipe da Silva pelas contribuições epistemológicas, pela paciência, pela persistência, pelas explicações, por todas orientações, pela oportunidade de poder fazer uma pesquisa de iniciação científica (PIBIC) que contribuiu muito no meu desenvolvimento acadêmico, por poder fazer parte do grupo de Estudos Pós-coloniais e Teoria da Complexidade na Educação, o qual me despertou um olhar conduzido pela perspectiva decolonial maior sobre a Educação das Relações Étnicos-Raciais e como a mesma está inserida no currículo. Agradeço principalmente por ter acreditado em mim e no meu trabalho.

RESUMO

Este trabalho versa sobre a representação imagética da mulher negra nos livros didáticos de história, geografia e sociologia do ensino médio da rede estadual da cidade de Agrestina-PE¹: percepções de raça, de gênero e de trabalho. Apresentamos como objetivo geral: compreender o sentido atribuído a Negra nos Livros Didáticos de História, Geografia e Sociologia do Ensino Médio do PNLD-2015. Os objetivos específicos são: a) identificar e caracterizar os lugares e os papéis da Negra presentes nos livros didáticos em questão; b) verificar e classificar os não lugares e os não papéis da negra presente nos livros didáticos; c) relacionar lugares-papéis com os não lugares papéis na construção dos sentidos atribuídos a Negra didáticos em questão. A Abordagem Teórica centra-se nos Estudos Pós-coloniais (QUIJANO, 2005; MIGNOLO, 2005, 2008; WALSH, 2008) que colocam em questão os modelos teóricos eurocêntricos e suas metanarrativas, principalmente no que se refere à discussão da cultura negra. Nessa percepção, evidenciamos que os Livros de Didáticos constituem-se enquanto um desses documentos passivos a essa análise. No que se refere às fontes documentais dessa pesquisa, faremos uso das Coleções: Conexões com a história, da colonização da América ao século XIX, volume 1º/2º/3º; Geografia: leituras e interação, volume 1º/2º/3º e Tempos modernos, tempos de sociologia: ensino médio, volume único que foram aprovadas e selecionadas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD- 2015). A técnica de análise é Análise de Conteúdo via Análise Temática (VALA, 1999; BARDIN, 1977). Os resultados apontam um quantitativo total de 24 imagens que representam a mulher negra diante de toda a coleção analisada, uma vez que os lugares e os papéis da mulher negra na perspectiva de raça-gênero revelam a importância do seu despertar diante sua autonomia, em vista da sociedade, pois quando se trata de discussão de gênero, estamos ressaltando a importância da igualdade entre mulheres e homens, pois ainda percebemos uma dificuldade no reconhecimento do ser mulher. E já na inserção do trabalho a mulher negra é perpassada por concepções políticas, econômicas, sociais e culturais que apresentam influência direta no caráter profissional e social dessas mulheres visto nos livros didáticos que se constituem na perspectiva da tensão entre a relação da Colonialidade e da Decolonialidade pois estão permeadas a partir do silenciamento posto na imagem que forja a Mulher Negra quando visualizamos as formas de inferiorizações e disseminados na ideia da legitimação entre classes, o que significa dizer as relações de domínio e de submissão.

¹ Cidade onde tive acesso aos livros, por já ter estudado na escola.

Palavras chave: Relações Étnico-Raciais. Mulher Negra. Currículo. Livro Didático.

ABSTRACT

This paper deals with the image representation of the black woman in the didactic books of history, geography and sociology of the high school of the state network of the city of Agrestina-PE²: perceptions of race, gender and work. We present as a general objective: to understand the meaning attributed to Negra in the Didactic Books of History, Geography and Sociology of the High School of PNLD-2015. The specific objectives are: a) to identify and characterize the places and roles of Negra present in the textbooks in question; b) to verify and classify the non-places and non-roles of the black present in the textbooks; c) relate role-places to non-roles in the construction of the meanings attributed to the didactic Negra in question. The theoretical approach focuses on the post-colonial studies (QUIJANO, 2005; MIGNOLO, 2005, 2008; WALSH, 2008) that call into question the Eurocentric theoretical models and their metanarratives, especially regarding the discussion of black culture. In this perception, we show that the Didactic Books constitute one of those documents passive to this analysis. Regarding the documentary sources of this research, we will make use of the Collections: Connections with History, from Colonization of America to the Nineteenth Century, Volume 1º / 2º / 3º; Geography: readings and interaction, volume 1º / 2º / 3º e Modern times, sociology times: high school, single volume that were approved and selected by the National Program of Didactic Book (PNLD 2015). The analysis technique is Content Analysis via Thematic Analysis (VALA, 1999; BARDIN, 1977). The results indicate a total quantitative of 24 images representing the black woman in front of the whole collection analyzed, since the places and the roles of the black woman in the perspective of race-gender reveal the importance of its awakening before its autonomy, in view of society, because when it comes to gender discourse, we are stressing the importance of equality between women and men, because we still perceive a difficulty in the recognition of being a woman. And already in the insertion of the work the black woman is perpassada by political, economic, social and cultural conceptions that present direct influence in the professional and social character of these women seen in the didactic books that constitute in the perspective of the tension between the relation of the Coloniality and the Decoloniality because they are permeated by the silencing put on the image that forges the Black Woman when we visualize the forms of

² City where I had access to books, because I already studied at school.

inferiorizations and disseminated in the idea of legitimation between classes, which means the relations of domination and submission.

Keywords: Ethnic-Racial Relations. Black woman. Curriculum. Textbook.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 –	Distribuição do quantitativo de trabalhos que versam sobre livros didáticos e representação da mulher	17
Quadro 2 –	Apresentação da organização que realizamos para o tratamento das análises	28
Quadro 3 –	Categorização e quantificação das imagens referentes a mulher negra nas coleções analisadas.....	29
Gráfico 1 –	Porcentagem do lugar/papel das mulheres negras nos livros didáticos analisados	30
Figura 1 –	Família	31
Figura 2 –	Família	31
Figura 3 –	Família	32
Figura 4 –	Família	32
Figura 5 –	Família	32
Figura 6 –	Família	32
Figura 7 –	Trabalho	34
Figura 8 –	Trabalho	34
Figura 9 –	Trabalho	34
Figura 10 –	Trabalho	34
Figura 11 –	Trabalho	35
Figura 12 –	Trabalho	35
Figura 13 –	Trabalho	35
Figura 14 –	Trabalho	35
Figura 15 –	Trabalho	37
Figura 16 –	Política	37
Figura 17 –	Política	38
Figura 18 –	Política	38
Figura 19 –	Política	38
Figura 20 –	Política	39
Figura 21 –	Política	39
Figura 22 –	Espaço Cultural	40

Figura 23 –	Espaço Cultural	40
Figura 24 –	Espaço Cultural	40

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	ESTUDOS PÓS-COLONIAIS NA PERSPECTIVA DA MULHER NEGRA	19
2.1	HISTÓRIAS DAS MULHERES NEGRAS: questões de raça, gênero e trabalho	19
2.2	CULTURA A IDENTIDADE DA MULHER NEGRA.....	22
2.3	O LIVRO DIDÁTICO ENQUANTO INSTRUMENTO IDEOLÓGICO NA CONSTRUÇÃO SIGNIFICADO E REPRESENTAÇÕES IMAGÉTICAS	24
3	PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	27
4	DIALOGANDO DENTRE OS DADOS COLETADOS E A DISCUSSÃO	29
4.1	REPRESENTAÇÃO IMAGÉTICA DA MULHER NEGRA NAS COLEÇÕES DIDÁTICAS ANALISADAS	29
4.2	A REPRESENTAÇÃO IMAGÉTICA DA MULHER NEGRA REPRESENTADA NO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA, GEOGRAFIA E SOCIOLOGIA DO ENSINO MÉDIO	30
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
	REFERÊNCIAS	44

1- INTRODUÇÃO

Ingressar na Universidade nos permite ampliar e despertar o nosso olhar sobre o que por muito tempo foi forjado, a nossa história, principalmente no que diz respeito a Educação das Relações Étnico Racial, pois são estudos que valorizam os saberes outros, saberes esses que historicamente foram calados, e que irão reconhecer como construtores de conhecimentos e de saberes validados perante a humanidade e em seu desenvolvimento.

E a partir do contato com algumas disciplinas (Avaliação Educacional, Currículo e Programas e na eletiva Gênero e Educação) no curso de Pedagogia, nos faz compreender a relevância de temáticas as quais podemos discutir e problematizar no trabalho de conclusão de curso.

Nesse sentido, evidenciamos nesse trabalho a discussão sobre: a representação imagética da mulher negra nos livros didáticos de história, geografia e sociologia do ensino médio da rede estadual da cidade de Agrestina-PE: percepções de raça, de gênero e de trabalho, na perspectiva dos Estudos Pós-coloniais. Partindo assim, de três pressupostos vistos pela: a) compreensão dos livros didáticos como textos curriculares, b) da ideia de que o sentido a mulher negra nos livros didáticos está nos lugares e não-lugares e papeis e os não-papeis que lhes destinam, e c) sobre a compreensão de que os lugares e não-lugares e papéis e não-papéis da Negra nos livros didáticos representa os silenciamentos impostos pelos grupos hegemônicos e os gritos decoloniais dos movimentos negros ao longo de nossa história.

Tomamos como base para justificar nossa pesquisa, as seguintes relevâncias: Pessoal, Social e Acadêmica. A relevância pessoal consiste na minha identificação como uma mulher negra, tendo esse reconhecimento na Universidade, vejo a necessidade de ter pesquisa que reafirme a cultura negra, afirmando assim que a mulher negra pode estar no lugar e papel que ela queira estar.

Por conseguinte, a relevância social, na qual a pesquisa surge da Iniciação Científica, e a partir dela surge a inquietação de como os Livros Didáticos de História, Geografia e Sociologia estão representando a imagem da mulher negra especificamente no Ensino Médio. Visualizamos que são disciplinas que deveriam problematizar o saber através da real história da mulher negra a qual de tal forma se forja.

Partimos então para a relevância acadêmica em que a temática desta pesquisa foi se constituindo através da inquietação ao longo do percurso acadêmico, em vista dos estudos

realizados nas disciplinas: Avaliação Educacional, Currículo e Programas e na eletiva Gênero e Educação; na participação no Grupo de Estudos Pós-Coloniais e Teoria da Complexidade em Educação; e principalmente na experiência desenvolvida como bolsista do PIBIC.

E ainda se constitui no levantamento realizado no site da ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação), afim de familiarizar as discussões as quais se aproximam de nosso objeto de estudo.

E a escolha dos livros didáticos do ensino médio, pois é nessa fase que os discentes estão iniciando e construindo sua criticidade perante a sociedade onde vivem e é nessa fase a qual há um entendimento maior sobre a real história que os livros didáticos estão forjando (cultura negra, mulher negra), cabendo ao docente a escolha: se quer ir além do que o livro se detém a silenciar ou se quer se restringir aquilo que o livro didático está se propondo a trabalhar.

A Mulher de uma forma geral passou e vem passando por um processo de lutas por direitos iguais perante a sociedade sobre igualdade de gênero entre homem e mulher. Nesse sentido, observamos a importância do despertar da mulher diante da sua autonomia, em vista da sociedade, pois quando se trata de discussão de gênero, estamos ressaltando a importância da igualdade entre ambos em que ainda percebemos uma dificuldade no reconhecimento do ser mulher.

Quando falamos da mulher negra vemos que a mesma ainda sofre mais em relação à Mulher Branca, há assim, uma diferença cultural as quais se manifestam nos elementos do modo de ser, de saber e de expressões diversas. E quando observamos os livros didáticos há de fato uma escolha da qual forma de Cultura dita a “certa” escolher. Nesta perspectiva, as diferenças culturais estão ligadas em um processo sócio histórico apresentado em sua construção. A partir dessa visão Silva afirma que:

em geral, utiliza-se o termo [diversidade] para advogar uma política de tolerância e respeito entre as diferentes culturas. Ele tem, entretanto, pouca relevância teórica, sobretudo por seu evidente essencialismo cultural, trazendo implícita a ideia de que a diversidade está dada, que ela pré-existe aos processos sociais pelos quais numa outra perspectiva ela foi, antes de qualquer outra coisa, criada. Prefere-se, neste sentido, o conceito de “diferença”, por enfatizar o processo social de produção da diferença e da identidade, em suas conexões, sobretudo com relações de poder e autoridade (2000 p. 44-45).

Podemos compreender que a existência de diferentes culturas não irá significar a valorização de cada uma delas de forma igual, por exemplo: uma Cultura Branca, uma cultura negra e uma Cultura Indígena, e assim visualizamos que sempre o que vai ser valorizada nos livros didáticos que estão em análise é a Cultura Branca, o padrão eurocêntrico.

No entanto, o desenvolver da pesquisa pretende-se buscar apresentar a Educação das Relações Étnico-Raciais imbricada na discussão tanto de Raça quanto da Etnia, em que possuem vinculações políticas e epistemológicas que se correlacionam aos Estudos Pós-coloniais. Estudos esses que vão valorizar os saberes daqueles que foram historicamente silenciados, sendo também reconhecidos como produtores de conhecimentos e de saberes outros a serem válidos para a humanidade.

A partir do contato inicial com os livros didáticos para verificar à iconografia da mulher negra, nos leva a inquietação de entender o modo de como está sendo atribuído o sentido à representação da mesma, e a sua distorção enquanto componente curricular a qual a imagem se insere.

Para aprofundamento e aperfeiçoar o nosso objeto de pesquisa que versa sobre A Representação Imagética da mulher negra nos Livros Didáticos de História, Geografia e Sociologia do Ensino Médio da Rede Estadual da Cidade de Agrestina-PE: Percepções de Raça, de Gênero e de Trabalho. No levantamento analisamos quantitativos de trabalhos de comunicação oral localizados nos bancos de dados da ANPED entre 2010 a 2015, correspondente a 33º a 37º edições.

Dessa forma, o levantamento ocorreu nas comunicações orais em dois grupos: GT 21 Educação das Relações Étnicos – Raciais, a escolha por esse GT se deu por este grupo tratar especificamente das Relações Étnicos-Raciais e GT 23 Gênero Sexualidade e Educação, pois pressupomos ser pertinente que se trate de Gênero em relação a mulher negra.

Ao iniciar as buscas, no total de 202 trabalhos que correspondem ao GT 21 e o GT 23, apenas 6 trabalhos se aproximam do meu objeto de pesquisa, sendo 4 do GT Educação das Relações Étnicos-Raciais e 2 do GT Gênero Sexualidade e Educação. Segue o quadro abaixo:

**QUADRO 01- DISTRIBUIÇÃO DO QUANTITATIVO DE TRABALHOS QUE
VERSAM SOBRE LIVRO DIDÁTICOS E REPRESENTAÇÃO DA MULHER
NEGRA**

Reuniões	GT 21 Educação das Relações Étnicas – Raciais		GT 23 Gênero Sexualidade e Educação	
	Total de GT	Relação com objeto	Total de GT	Relação com objeto
33º- 2010	13	1	15	1
34º- 2011	30	1	15	0
35º- 2012	22	1	17	0
36º - 2013	18	1	17	1
37º- 2015	29	0	26	0
Subtotal	112	4	90	2
Total de pesquisa relacionada ao objeto	6			

Fonte: Quadro construído a partir dos dados contidos no site da ANPED, disponível em: <http://www.anped.org.br/>

O GT da Educação das Relações Étnicas-Raciais irá apresentar 4 pesquisas que intitulam: “Personagens Negros e Brancos em Livros Didáticos de Ensino Religioso” autoria de Sergio Luis do Nascimento; “Relações Raciais em Livros Didáticos de Geografia do Paraná” autoria de Wellington Oliveira dos Santos; “Negros/as e Brancos/As em Livros Didáticos de Geografia” autoria de Wellington Oliveira dos Santos e “Negritude e Branquidade em Livros Didáticos de História, Língua Portuguesa e Educação Física” autoria de Tânia Mara Pacífico e Rozana Teixeira, apresentam aproximações ao objeto de pesquisa na perspectiva dos dados fazer uso do livro didático.

O GT Gênero Sexualidade e Educação que apresenta apenas 2 pesquisas de aproximação que se intitulam: “As Fotografias de Mulheres Negras que não Encontrei - em Diferentes Contextos Escolhidos por um Grande Jornal” autoria de Claudia Regina Ribeiro Pinheiro e “Análise de Livros Didáticos de Língua Portuguesa na Perspectiva da Ideologia de Gênero” autoria de Neide Cardoso de Moura, irão se aproximar no contexto de enfatizar a imagem da mulher negra.

A análise realizada evidencia, sobretudo, o silenciamento no campo de estudos sobre produções científicas, que se refere a discussões da mulher negra como voz ativa perante a sociedade. A partir dessas reflexões formulamos assim a seguinte questão problema: quais os sentidos da representação imagética da mulher negra nos livros didáticos de história, geografia e sociologia do ensino médio para formação dos sujeitos?

Nessa perspectiva, elencamos os seguintes objetivos: **Objetivo Geral:** Compreender o sentido atribuído a Negra nos Livros Didáticos de História, Geografia e Sociologia do Ensino Médio do PNLD-2015. E temos como objetivos específicos: a) identificar e caracterizar os lugares e os papéis da Negra presente nos livros didáticos em questão; b) verificar e classificar não-lugares e os não-papéis da Negra presente nos livros didáticos; c) relacionar lugares-papéis com os não-lugares papéis na construção dos sentidos atribuídos a Negra nos livros didáticos em questão.

2- DISCUTINDO SOBRE OS ESTUDOS PÓS-COLONIAIS NA PERSPECTIVA DA MULHER NEGRA

Destacamos que os Estudos Pós-coloniais apresentam aproximações políticas e epistemológicas com a discussão sobre a Educação das Relações Étnico-Raciais. Os construtos teóricos dessa Abordagem nos conduzem a um olhar compreensivo e crítico alicerçado em epistemologias outras, que se aproximam das epistemologias forjadas na luta dos movimentos negros, em especial na América Latina.

A preocupação sobre os sentidos atribuídos a negra nos livros didáticos de História, Geografia e Sociologia relaciona-se com a própria Legislação Nacional que defende “a garantia de acesso às condições de infraestrutura bem como de materiais e livros didáticos em conformidade com a realidade local e a diversidade da população do campo”. Assim como “respeito à diversidade do campo em seus aspectos sociais, culturais, ambientais, políticos, econômicos, **de gênero**, geracional, **de raça** e etnia” (BRASIL, 2004, p.1, grifo nosso).

2.1- Histórias das mulheres negras: questões de raça, gênero e trabalho

Ao falar sobre gênero e raça é inevitável não ressaltar sobre a desigualdade existente na renda entre mulheres e homens, mesmo ocupando o mesmo cargo do homem. Nessa perspectiva vale salientar que as Mulheres Negras no Brasil não chegam nem a metade da renda que os homens brancos recebem, que por sua vez corresponde a 56% (cinquenta e seis por cento) da renda das mulheres brancas. Nessa percepção Mariana Mazzini Marcondes et al (2013, p. 118):

comparando-se o total das rendas das pessoas, as desigualdades se pronunciam. Ainda que as disparidades tenham sofrido redução nos últimos anos, a renda das mulheres negras não chega nem à metade daquela auferida pelos homens brancos e corresponde a cerca de 56% dos rendimentos das mulheres brancas.

E é a partir de muitos debates e enfrentamento político que se tem lutado contra essa abissal desigualdade. Em uma análise sobre as relações de privilégio vale ressaltar as hierarquias entre as mulheres em que “há muita evidência de que as identidades de raça e de classe criam diferenças em qualidade de vida, status social e estilo de vida que prevalecem sobre a experiência comum que as mulheres partilham. ” (HOOKS, 1984, p. 4).

Nesse sentido, o gênero não poderia ser visto como uma nova forma de universalidade, na qual a posição da mulher negra segundo citar Sueli Carneiro (2011, p. 121), surgiria “como

subitem da questão geral da mulher”. Essa generalidade é o que está sendo colocado em questão.

A análise conjunta entre gênero, classe e raça no que se refere ao acesso desigual a renda, ocupação e participação política, apresentam de tal forma convergências, as quais as pessoas irão se visualizar não de forma singular como: mulher/homem ou a de branca/negra ou a de trabalhador/proprietário, ou seja, não é a vivência de um elemento da sua identidade, mas de como um conjunto de privilégios e desvantagens irão organizar sua trajetória.

Quando destacamos o elemento maternidade, visualizamos de forma clara quem a vivência. E sua vivência se dá em contextos bem marcantes, nesse sentido a mulher negra numa sociedade racista ou a mulher branca numa sociedade racista ambas a maternidade irá defini-las. Assim, a compreensão do gênero como construção se apresenta como um fato de identidades e posições sociais que se relacionam, mas não no sentido de relações restritas à dualidade feminino-masculino.

A partir dessa reflexão Spelman (1988, p. 134), “é apenas porque a branquitude (whiteness) é tomada como um dado que pode haver mesmo a aparência de que seria possível simplesmente distinguir as pessoas por serem mulheres e homens”. A autora aponta um problema epistemológico e político.

No entanto, pode-se evidenciar que as mulheres negras estão ainda sendo postas na base da pirâmide social, pois as mesmas estão colocadas em uma situação de desvantagens, a qual se relaciona tanto com a discriminação de gênero quanto com a discriminação de raça. Nesse viés, vale ressaltar que:

A situação da mulher negra no Brasil de hoje manifesta um prolongamento da sua realidade vivida no período de escravidão com poucas mudanças, pois ela continua em último lugar na escala social e é aquela que mais carrega as desvantagens do sistema injusto e racista do país. Inúmeras pesquisas realizadas nos últimos anos mostram que a mulher negra apresenta menor nível de escolaridade, trabalha mais, porém com rendimento menor, e as poucas que conseguem romper as barreiras do preconceito e da discriminação racial e ascender socialmente têm menos possibilidade de encontrar companheiros no mercado matrimonial (MARIA NILZA DA SILVA, 2003, [S.p.]).

Dessa maneira, podemos afirmar que hoje no Brasil, a mulher negra encontra-se em uma condição adversa em diversas áreas: educação superior, inclusão digital, mercado de trabalho, entre outros.

No entanto, é inevitável a inquietação: por que essa desigualdade ocorre e se dá através de que? Em consequente podemos destacar que essa desigualdade advém da forma de

como se estruturou a sociedade brasileira, além disso podemos evidenciar que essa desigualdade não se restringe apenas na sociedade brasileira, pois tal caso é verificado em outros países, assim como, os países latino-americanos e também em países considerados de primeiro mundo.

A partir das ações afirmativas e principalmente pelas organizações incentivadas pelas mulheres negras em conjunto ao movimento negro, apresenta-se outra perspectiva que está presente no universo dessas mulheres. Nesse sentido as mulheres, a população negra e outros grupos racialmente considerados minoritários são postos em posição de desvalorização, os quais, são designados papéis sociais sem que haja qualquer valorização social.

Dessa forma, Silva (2003, [S.p.]) afirma que a “pobreza e a marginalidade a que é submetida a mulher negra reforça o preconceito e a interiorização da condição de inferioridade, que em muitos casos inibe a reação e luta contra a discriminação sofrida”.

Em vista disso, a sociedade foi consolidando e reproduzindo papéis pré-determinados para a população excluída perante a sociedade, principalmente quando se trata da mulher negra, e como são papéis invisibilizados irão se refletir em níveis educacionais e na forma de como a população está inserida no mercado de trabalho, e em muitos outros campos.

Assim, a sociedade foi se materializando, naturalizando de tal forma esses papéis pré-definidos de onde a mulher negra deve estar, ou seja, em lugares de não prestígio, principalmente ao que diz respeito ao mercado de trabalho, e em outros setores, em que irá se voltar para o sentido da interseccionalidade. Dessa forma, Kimberlé Crenshaw (2002, p. 177) nos alega que:

Trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento.

Entendemos como conceito da interseccionalidade um elemento que visa as formas de opressões sofridas mulheres racializadas, posicionando-as a partir dos lugares e dos papéis em que seus corpos se encontram. Verificamos que a relação da mulher negra na inserção do trabalho é perpassada por concepções políticas, econômicas, sociais e culturais que apresentam influência direta no caráter profissional e social dessas mulheres. Nesse viés visualizamos hoje o mercado de trabalho como um espaço de privilégio, em que é nesse espaço que percebemos as desigualdades sendo reproduzidas perante a sociedade.

Assim vale salientar que no período colonial a mulher já era vista como inferior ao homem, e que seu papel na sociedade se caracterizava por três aspectos: ser dona de casa, procriadora e cuidadora de seus filhos. Mas quando se tratava de mulher negra além de não pertencer ao tal padrão europeu hegemônico sendo escravizada “servia como diversão” para os homens brancos, era subalternizada e inferiorizada também perante as mulheres brancas. Dessa forma, o processo de Colonização/Colonialismo foram ressignificados, em que a Colonialidade atua como um padrão de poder eurocêntrico apresentando em três eixos: Poder, Saber, Ser (QUIJANO 2005).

Esses eixos representam as formas de hierarquizar e inferiorizar os povos colonizados. A mulher negra está sendo imposta em uma condição de inferior pela superioridade branca, isso significa dizer que não apresenta poder sobre ela mesma, no qual a Colonialidade do Poder aponta que “as novas identidades históricas produzidas sobre a ideia de raça foram associadas à natureza dos papéis e lugares, na nova estrutura global de controle do trabalho” (QUIJANO, 2005, p. 108).

Nessa perspectiva irá ocorrer o dito saber válido, em que a Colonialidade do Saber irá negar e silenciar as outras formas de produzir conhecimentos, a negação apresentará um lugar reservado no currículo para o saber outro, e sobretudo na forma de representar a mulher negra, isso significa que apenas será validado o que favorece ao conhecimento branco-eurocêntrico, pois, o papel colonizado se restringe: ao espaço do folclore, do artesanato, do subalterno e do escravo, enquanto os saberes privilegiados validados consistem: no espaço da cultura, da arte e da ciência.

Assim, a Colonialidade do Ser introduz nos sujeitos historicamente inferiorizados uma condição de não-ser ao implantar processos de naturalização de sua condição de inferioridade. Esse processo de naturalização da inferioridade dos sujeitos perpassa os livros didáticos quando reafirma a cultura hegemônica naturalmente como superior e a cultura do negro como inferior ao atrelá-la principalmente ao período da escravidão (FERNANDES; PEREIRA; NOGUEIRA, 2005-2006).

Nesta linha de pensamento, os livros didáticos, firmados na Colonialidade do Ser, reforçam o estereótipo da cultura negra enquanto constituídas de sujeitos servis e invisibilizando-os enquanto sujeitos históricos-sociais-políticos-culturais-econômicos-protagonistas.

2.2- Cultura e identidade da mulher negra

Ao discutir identidade e mediações culturais da diáspora negra, Hall nos chama atenção para o caráter da contraposição que está centrada em elementos de base, que segundo o autor:

des-historiciza a diferença, confunde o que é histórico e cultural com o que é natural, biológico e genético. No momento em que o significante “negro” é arrancado de seu encaixe histórico, cultural e político, e é alojado em uma categoria racial biologicamente constituída, valorizamos, pela inversão, a própria base do racismo que estamos tentando desconstruir (HALL, 2003, p.342-6).

A partir da perspectiva do autor nos leva a uma aproximação da contribuição de Sodré (1983) sobre repertórios afro-brasileiros que são constituídos em cada singularidade a partir de dispositivos culturais e étnicos de origem africana, que faz parte de uma ampla diversidade.

  nessa perspectiva que se inicia o desenvolvimento da constitui o de identidade étnico-racial, que, de acordo com Ferreira (2009), irá haver uma busca de características básicas daquele que quer se tornar. Há certo desequilíbrio, se considerar que, nessa experiência, há um mergulho profundo no mundo da negritude, em se tornar quem quer ser, onde quer está.

Então podemos compreender nesse sentido, que a identidade da mulher negra   edificada a partir do momento em que há denomina o como estágio de articula o pois:

os poucos, a pessoa desenvolve uma perspectiva afrocentrada não estereotipada, com atitudes voltadas para a valoriza o das qualidades referente   negritude mais expansivas, mais abertas e menos defensivas. Há o desenvolvimento de um novo processo de identifica o, em que as matrizes africanas são salientadas. O grupo negro torna-se o principal grupo de referência ao qual o indivíduo pertence, sendo seu vínculo com esse grupo determinado por qualidades do próprio grupo e não mais, exclusivamente, por fatores externos a ele (FERREIRA, p. 83).

Entretanto, a naturaliza o de uma raça dita superior nos faz pensar nos lugares de prestígios e os de não prestígios, nos faz pensar que a raça menosprezada não apresenta voz no seu contexto social em que vive, dessa maneira:

observa que o conceito de raça tal como o empregamos hoje, nada tem de biológico.   um conceito carregado de ideologia, pois como todas as ideologias, ele esconde uma coisa não proclamada: a rela o de poder e de domina o. [...] justificam o uso do conceito como realidade social e política, considerando a raça como uma constru o sociológica e uma categoria social de domina o e de exclusão (MUNANGA, 2004).

Dessa forma o padrão hegemônico está alicerçado numa perspectiva monocultural, reafirmando continuamente a não validade das identidades de certas culturas e a consagração de outras culturas que pertencem ao território urbano, eurocêntrico, branco e cristão. Nesta lógica, a cultura negra é destituída da sua condição de validade.

A mulher negra é constituída pelo hibridismo fruto da tensão constante entre as imposições globais e as necessidades locais. Tensão esta impulsionada pelas interseções assimétricas entre as investidas de assepsias epistêmicas e culturais dos grupos hegemônicos locais e globais e as resistências locais e globais dos movimentos étnico-raciais.

As perspectivas de Educação das Relações Étnico-Raciais e seus respectivos sujeitos tiveram seus espaços de produção cultural e epistêmico silenciados e subalternizados historicamente pelos grupos sociais hegemônicos. Portanto um dos princípios da discussão destas duas perspectivas é a elaboração de saberes e de posturas para além das amarras modernas e coloniais através do diálogo com os povos silenciados no processo de colonização.

Estes povos assumem papel fundamental na construção de conhecimentos e posturas crítico-propositivos transgressores á episteme moderna. Como afirma Santos (2000), as comunidades periféricas foram um dos espaços menos contaminados e controlados pelo poder de regulação da sociedade e do Estado moderno como também menos influenciados pela episteme moderna e com grande potencial de desobediência civil e epistêmica.

Por isso vemos a discussão de Raça e de Etnia imbricada à discussão de Território. Esta imbricação se dá por uma racialização territorial quando se impõem uma hierarquia entre territórios legítimos e reconhecidos como superiores e territórios ilegítimos e reconhecidos como inferiores. Temos como exemplo a relação entre território urbano e campesino, centro e periferia.

Os territórios inferiorizados têm seus espaços de produção do conhecimento e suas práticas sociais silenciadas e subalternizadas historicamente. Os povos dos territórios racializados subalternamente, dentre eles os negros, foram resistindo e se assumindo enquanto corpos políticos de enunciação, reivindicando a sua condição epistêmica na sociedade.

Esses povos encontraram nos espaços, nas formas e nos conteúdos negados as condições de produzir outros modelos epistêmicos que vão para além dos postulados modernos colonialistas e imperialistas, lutando por uma educação que atenda aos imperativos da promoção da Igualdade Étnico-Racial.

2.3- O livro didático enquanto instrumento ideológico na construção de significados e representações imagéticas

O homem se humaniza e se torna homem nas relações sociais onde e em que ele estabelece com os seus pares ao longo da sua história de vida. É no processo de socialização que o indivíduo se adapta ao meio em que vive e ao mesmo tempo em que é transformado por esse meio, Oliveira (2002, p. 126) nos diz que “ao mesmo tempo em que a criança modifica seu meio, é modificada por ele”.

Assim a socialização é a construção dos saberes no qual o ser humano desde criança é influenciado em que se desenvolve e ao mesmo tempo irá também se transformar. Sendo assim, a família é a primeira instituição social na qual a criança por exemplo desde bebê por meio da interação social e dos processos educativos não formais iniciam-se sua humanização, porém a família não é o único ambiente em que a criança se desenvolve:

O desenvolvimento humano não decorre da ação isolada de fatores genéticos que buscam condições para o seu amadurecimento nem de fatores ambientais que agem sobre o organismo, controlando seu comportamento. Decorre antes, das trocas recíprocas que se estabelecem durante toda a vida entre organismos vivos, o humano inscreve-se em uma linha de desenvolvimento condicionada tanto pelo equipamento biocomportamental da espécie quanto pela operação de mecanismos gerais de interação com o meio (OLIVEIRA, 2002, p 126).

Nesse sentido tomamos a instituição escolar como âmbito essencial, pois ela é um espaço educativo que apresenta como função principal a socialização de conhecimentos científicos historicamente construído pela humanidade, e por isso, tem propriedade de desenvolver no aluno a capacidade de compreender o mundo de forma ampla com um olhar crítico no meio em que vive.

Temos como metodologia de ensino nas escolas os livros didáticos como um instrumento que se representa como maiores protagonistas, sendo um recurso metodológico unanime entre os professores:

Os livros didáticos, os mais usados instrumentos de trabalho integrante da “tradição escolar” de professores e alunos, fazem parte do cotidiano escolar há pelo menos dois séculos. Trata-se de objeto cultural de difícil definição, mas, pela familiaridade de uso é possível identificá-lo, diferenciando-o de outros livros (BITTENCOURT, 2008, p. 299).

Sendo assim, os recursos pedagógicos, em especial o livro didático, tem a possibilidade de dialogar com os conhecimentos críticos-propositivos transgressores à episteme moderna, no qual a representação e os significados atribuídos à cultura negra nos livros didáticos ultrapassem os meros estereótipos eurocêtricos coloniais.

Estudar os sentidos atribuídos à negra nos livros didáticos em questão, é entrar na discussão de Currículo em três tensionamentos: a) um Currículo liberal que historicamente foi pensado e vivido para legitimar culturas e identidades eurocentradas brancas e deslegitimar as culturas e as identidades subalternizadas e urbanocêntricas; b) um Currículo crítico fundado na ideia da construção escolarizada de um cidadão crítico, mas urbanizado e que não problematiza, predominantemente, as questões de Raça e Etnia; c) um Currículo Pós-Crítico que traz à tona questões ligadas à identidade étnica, racial, de gênero, geracional e territorial, entre outras.

Evidenciamos nossa filiação epistêmica à Perspectiva Pós-Colonial de Currículo que não se alicerça nas metanarrativas, como também não as negam. Uma Perspectiva de Currículo que questiona os processos euro-urbanocêntricos e raciais de seleção e de legitimação de fragmentos culturais e indenitários.

Por isso é importante que o livro didático expresse um Currículo constituído da pluralidade epistemológica e indenitária, pois, segundo Silva, o livro didático é, também, um componente curricular “recheado de narrativas nacionais, étnicas, de gênero e raciais. Em geral, essas narrativas celebram os mitos de origem nacional, confirmam o privilégio das identidades dominantes e tratam as identidades dominadas como exóticas ou folclóricas” (1999, p. 101, grifo nosso).

Destacamos assim, a importância de pesquisar os sentidos atribuídos à cultura negra, nos livros didáticos por compreendermos este material didático para além de meros recursos pedagógicos; mas sim entendermos como um componente curricular em disputa e indenitário.

Estes textos curriculares possuem a função de serem tradutores e criadores de novos sentidos, que em contato com estudantes e professoras/es; vinculam códigos pedagógicos e conteúdo de aprendizagem (SACRISTAN, 2000), que carregam epistemologias de determinada cultura, negando e silenciando epistemologias outras.

Assim, entendemos a necessidade de compreender em que a negra, que teve historicamente sua condição epistêmica e política subalternizada e silenciada, e está sendo representada nos livros didáticos e quais os sentidos desta representação. Por isso que é no bojo das discussões da Educação das Relações Étnico-Raciais que pautamos o debate da inserção da negra nos livros didáticos sob o olhar interpretativos dos Estudos Pós-coloniais.

3- PROCEDIMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

A Abordagem Teórico-Metodológica desta pesquisa são os Estudos Pós-coloniais (QUIJANO, 2005; MIGNOLO, 2008, WALSH, 2007), que colocam em questão os modelos teóricos eurocêntricos e suas metanarrativas, principalmente no que se referem à discussão da negra. Na abordagem adotada frisamos o debate sobre Racionalização e Racialização, Colonialidade e Decolonialidade do Poder, do Saber e do Ser, Interculturalidade, Educação Intercultural e a Pedagogia Decolonial (WALSH, 2007; CANDAU, 2010) e suas relações com a Educação das Relações Étnico-Raciais.

Com a ideia de Raça irá se forja duas percepções: a Racialização e a Racionalização. Esta primeira percepção busca-se através das explicações biológicas, explicar a soberania, ou seja, de uma “autoridade superior” uma classe sobre outra, a partir disso os povos que se distinguem da classificação do homem europeu, branco, heterossexual, cristão e urbano seriam biologicamente inferiores (MIGNOLO, 2005).

Dessa maneira, os povos negros por não fazerem parte desse “tal padrão” foram assim apalavrados às condições de subalternização. Nessa segunda percepção, a Racionalização passar a existir para naturalizar a condição de inferioridade tornando exclusiva e válida apenas as epistemologias dos colonizadores, ou seja, menosprezando e não valorizando os saberes dos sujeitos outros, como se não apresentasse valor científico.

Esta pesquisa objetiva compreender os sentidos de como a imagem da mulher negra está sendo representada nos livros didáticos do ensino médio. Nessa perspectiva, este estudo, centra-se na abordagem metodológica de caráter qualitativo que “além de permitir desvelar processos sociais ainda pouco conhecidos referentes a grupos particulares, propicia a construção de novas abordagens, revisão e criação de novos conceitos e categorias durante a investigação” (MINAYO, 2010, p.21).

A partir dessa abordagem qualitativa, e tencionando-se atender nosso objetivo de pesquisa nos aproximamos da Pesquisa Documental, na qual segundo Oliveira (2007, p. 69) “caracteriza-se pela busca de informações em documentos que não receberam nenhum tratamento científico”. Nessa percepção, evidenciamos que os livros de didáticos constituem-se enquanto um desses documentos passivos a essa análise.

No que se refere às fontes documentais dessa pesquisa, faremos uso das Coleções Conexões com a história, da colonização da américa ao século XIX, volume 1º/2º/3º; Geografia: leituras e interação, volume 1º/2º/3º e Tempos modernos, tempos de sociologia:

4-DIALOGANDO DENTRE OS DADOS COLETADOS E A DISCUSSÃO TEÓRICA

Iremos apresentar assim, as análises dos dados a partir da categorização e das inferências realizadas a partir das imagens analisadas. Ao analisarmos as Coleções Didáticas identificamos quatro lugares/papeis em que as Mulheres Negras são postas. As quais são classificadas em: **1) Família; 2) Trabalho; 3) Política e 4) Espaço Cultural**. A discussão sobre nossos dados se dará primeiro analisando a condição das imagens das Mulheres Negras seguindo a classificação das imagens.

4.1- REPRESENTAÇÃO IMAGÉTICA DA MULHER NEGRA NAS COLEÇÕES DIDÁTICAS ANALISADAS³

A nossa discussão seguirá a ordem organizativa do Quadro 03:

**Quadro 03- CATEGORIZAÇÃO E QUANTIFICAÇÃO DAS IMAGENS
REFERENTES A MULHER NEGRA NAS COLEÇÕES ANALISADAS**

Coleção Conexões com a História, da Colonização da América ao Século XIX, Volume 1º/2º/3º			Coleção Geografia: Leituras e Interação, Volume 1º/2º/3º			Coleção Tempos Modernos, Tempos de Sociologia: Ensino Médio, Volume Único			Quantidade Total das Categorias
Lugar	Papel	Mulher Negra	Lugar	Papel	Mulher Negra	Lugar	Papel	Mulher Negra	-
Família	Passado/ Escrava	3	Família	Passado/ Escrava	1	Família	Passado/ Escrava	2	6
Trabalho	Informal/ Artesanal/ Intelectual	5	Trabalho	Informal/ Artesanal/ Intelectual	2	Trabalho	Informal/ Artesanal/ Intelectual	1	8
Política	Movimentos	1	Política	Movimentos	4	Política	Movimentos	2	7
Espaço Cultural	Religião	1	Espaço Cultural	Religião	-	Espaço Cultural	Religião	2	3
Subtotal	10		6			7			-
Total	24								

Fontes: Livros Didáticos do Ensino Médio aprovados pelo PNLD-2015.

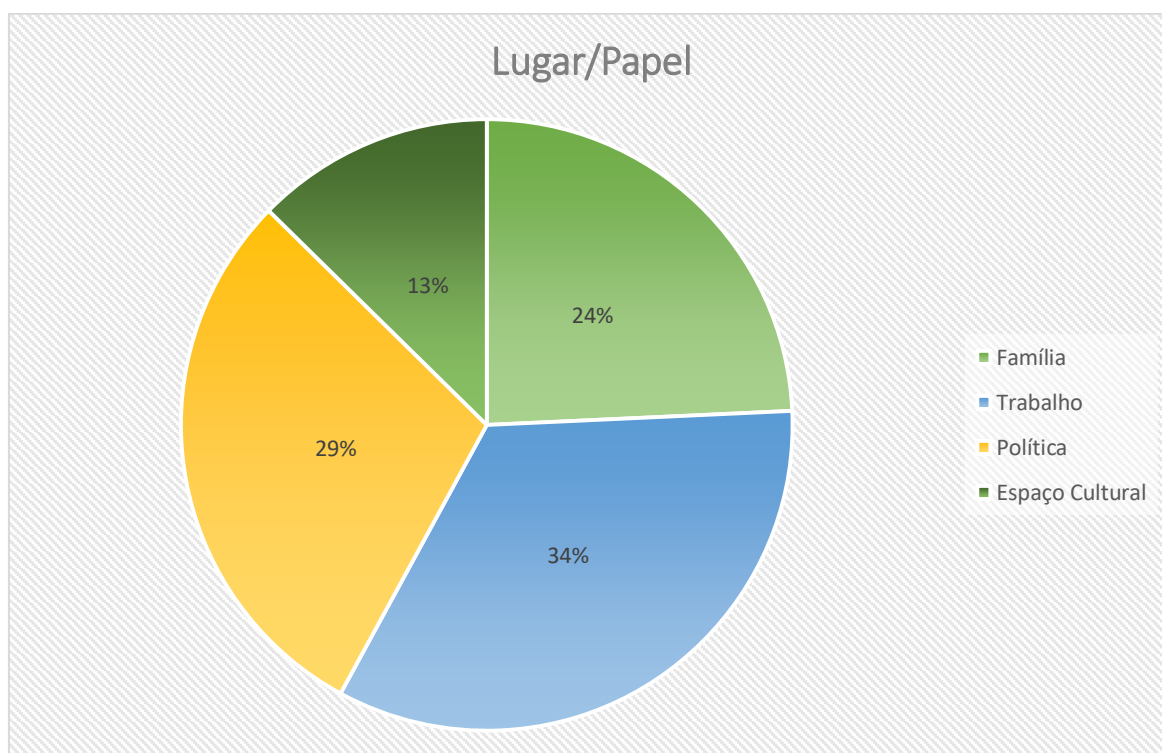
A partir das análises dos livros didáticos e retomada dos objetivos categorizamos e quantificamos as imagens referente a mulher negra. Em que observamos um total de 24

³Coleção Conexões com a História, da Colonização da América ao Século XIX, volume 1º/2º/3º; Geografia: Leituras e Interação, volume 1º/2º/3º e Tempos Modernos, Tempos de Sociologia: ensino médio, volume único.

imagens que representam a mulher negra. A partir dessa quantificação categorizamos o lugar e o papel da mulher negra em 4 categorias: Família, Trabalho, Política e Espaço Cultural.

4.2- A REPRESENTAÇÃO IMAGÉTICA DA MULHER NEGRA NO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA, GEOGRAFIA E SOCIOLOGIA DO ENSINO MÉDIO

GRÁFICO 01- PORCENTAGEM DO LUGAR/PAPEL DAS MULHERES NEGRAS NOS LIVROS DIDÁTICOS ANALISADOS

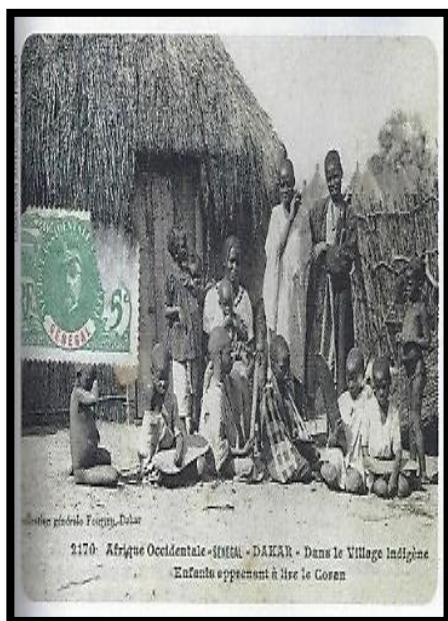
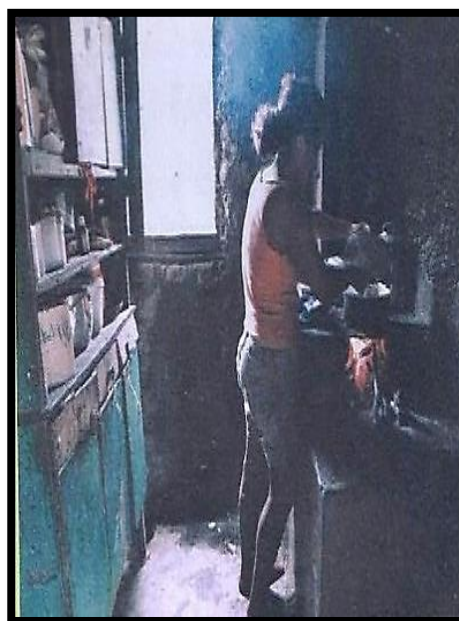


Neste momento apresentamos a categorização e as inferências das imagens referentes à mulher negra. Dessa forma, apresentamos a primeira Categoria do lugar da mulher negra na **Família**. Este lugar representa 24% das imagens analisadas. O lugar da mulher negra na família encontra-se nos seguintes cenários:

1. Família africana no passado (imagem número 01);
2. Família no passado na condição de escrava (imagem 05);
3. Família retirante no passado na África e no Brasil (imagens 04 e 06);
4. Família pobre e a mulher na condição de doméstica (imagem 02);
5. Família sem contexto com a centralidade na imagem do homem (imagem 03).

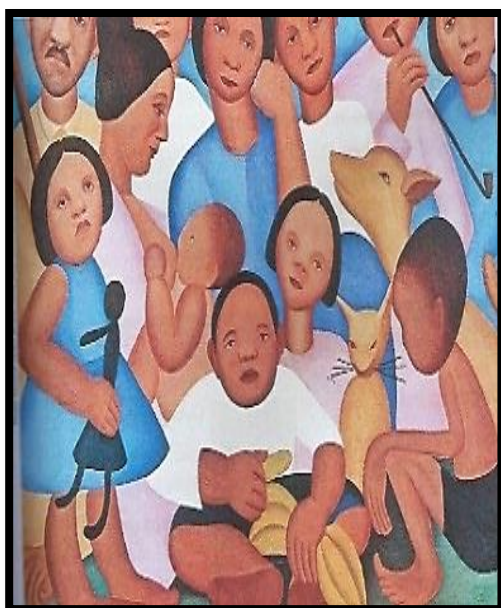
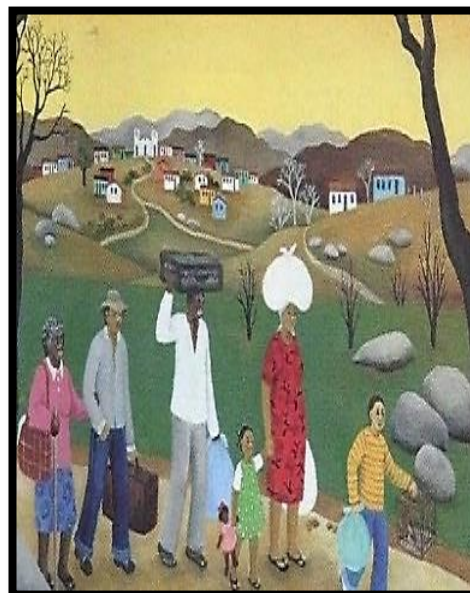
As mulheres negras nos cenários familiares apresentados se fixam em condições de precariedade, de carência. Tanto as imagens que têm como cenário o Brasil, quanto as imagens

que têm como cenário a África ratificam a ideia da pobreza. As mulheres negras nas imagens não ocupam cenários familiares de prestígio na sociedade. Há de fato um efeito da Herança Colonial que reafirma a Colonialidade do Poder. Assim, o lugar da mulher negra é na família desprestigiada e o não-lugar é exatamente em cenários familiares de prestígio, como podemos observar a seguir:

1⁴2⁵

⁴ A imagem se refere as crianças aprendendo ler o Alcorão no século XX na África Ocidental Francesa, próximo ao território do antigo Reino de Gana. (Imagem retirada do livro de História do 1º ano do Ensino Médio)

⁵ Mulher preparando comida no fogão a lenha no município de Gararu, em Sergipe. (Imagem retirada do livro de Geografia do 1º ano do Ensino Médio)

3⁶4⁷5⁸6⁹

Ainda destacamos nas imagens acima que as mulheres negras se encontram no espaço familiar em funções marcadas pela obrigação do cuidar materno e do lar. Além do processo

⁶ Imagem que representa uma obra artística de Tarcila do Amaral para apresentar a família. (Imagem retirada do livro de Sociologia volume único do ensino Médio)

⁷ Imagem representando refugiados Hutus retornando a Ruanda após caminharem mais de 60 quilômetros vindos do Burundi em 1993, um ano antes de eclodir uma nova guerra civil em Ruanda. (Imagem retirada do livro de História do 3º ano do Ensino Médio)

⁸ Imagem que representa fuga de escravos em uma charge de Angelo Agostini para revista Ilustrada. Fundação Biblioteca Nacional no Estado do Rio de Janeiro. As fugas constantes de escravos, apoiadas por grande parte da população livre, demonstravam que a escravidão estava com os dias contados. (Imagem retirada do livro de História do 2º ano do Ensino Médio)

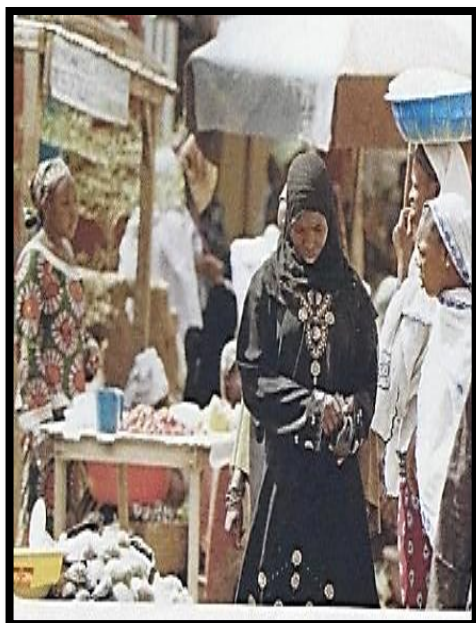
⁹ Imagem que representa uma obra artística de Barbosa Rochiltz. (Imagem retirada do livro de Sociologia volume único do ensino Médio)

de racialização, a mulher negra sofre dos efeitos do Patriarcado. Em que as marcas da patriarcalização estão evidenciadas na organização da família em que os livros didáticos trazem as mulheres negras como doméstica, cuidadora dos filhos, retirante e escrava. Outro fato que nos chamou a atenção foi a condição de retirante que a mulher negra está colocada.

Essas imagens apresentam aproximação com a Colonialidade do Poder na dimensão da família, isto é, ao analisar o Lugar e o Não-lugar da mulher negra na família, observamos ao processo de racialização que não afeta apenas o sujeito, mas ao grupo social que faz parte e seu ambiente. Afirmamos que há uma classificação da família a partir do padrão eurocêntrico e patriarcal. A racialização não está somente sobre a mulher negra, mas, sobretudo, a família a qual faz parte. E nesta família, a mesma reproduz, nas imagens, os efeitos de gênero do Patriarcado em que se apresenta quando coloca a mulher negra no papel do lar e cuidadora dos filhos como esse papel não pudesse pertencer ao homem.

Frisamos ainda que as imagens são predominantemente localizadas no tempo passado. Como se a família da mulher negra estivesse fixada neste tempo, isto é, as margens da própria modernidade. A família negra e, conseqüentemente, a mulher negra estão na exterioridade moderna.

A segunda Categoria direciona a mulher negra ao **Lugar do Trabalho**. Em que esse lugar corresponderá a 33,3% das imagens analisadas. O lugar da mulher negra no trabalho é representado nos seguintes papéis: Informal (imagens 07, 08, 09 e 10), Artesanal (imagem 11) trabalho escravo (imagem 14) e Intelectual (imagens 12 e 13). Vejamos abaixo:

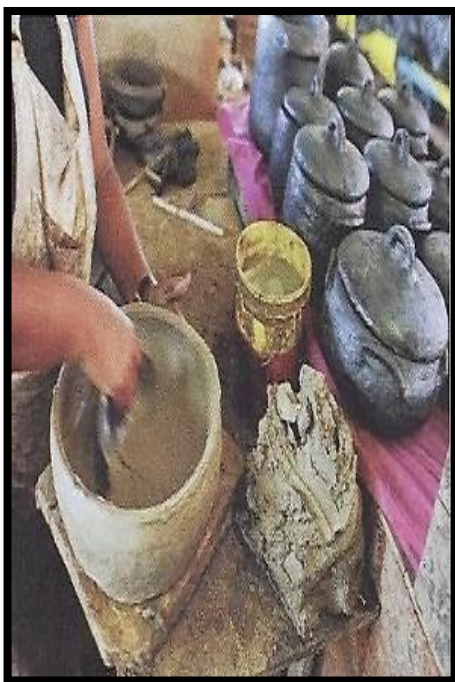
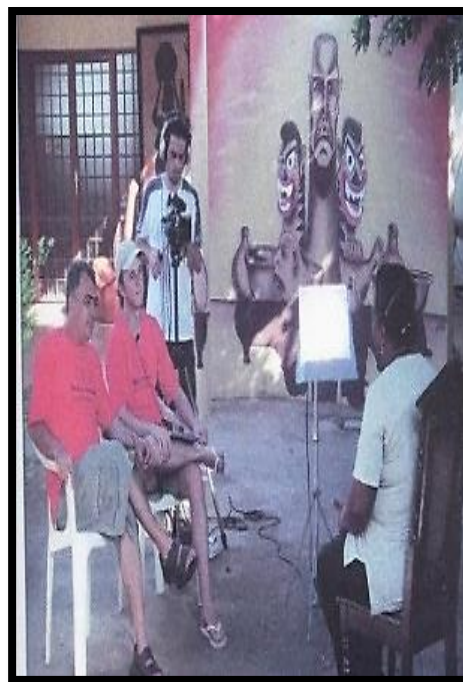
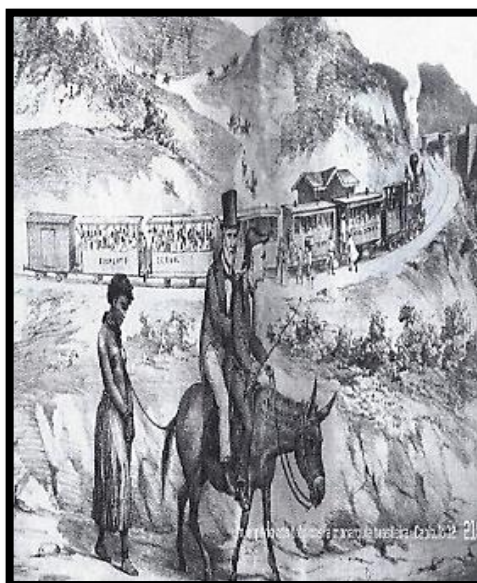
7¹⁰8¹¹9¹²10¹³

¹⁰ Imagem que apresenta pessoas fazendo compras em mercado na cidade de Gao, Mali em 2013. (Imagem retirado do livro de História do 1º ano do Ensino Médio).

¹¹ Imagem que representa Mulher vendedor de Akará na cidade de Maiduguri no país da Nigéria em 2009 e Mulher vendedora e seu tabuleiro com acarajé, peixe frito, bolinho de estudante, vatapá e outros pratos em Salvador na Bahia no ano de 2009. (Imagem retirada do livro de História do 2º ano do Ensino Médio).

¹² Imagem que retrata o ressurgimento arroz africano. (Imagem retirada do livro de História do 2º ano do Ensino Médio).

¹³ Mulheres quebradoras de coco em Sítio Novo do Tocantins, em 2009. (Imagem retirada do livro de Geografia do 2º ano do Ensino Médio).

11¹⁴12¹⁵13¹⁶14¹⁷

Observamos o predomínio nas imagens das mulheres negras em trabalhos informais, seguidos do trabalho artesanal que também tem uma dimensão informal. Apenas uma imagem

¹⁴ As panelleiras empregando técnicas tradicionais e matérias-primas provenientes do meio natural, retirado do Livro dos Saberes como Patrimônio Imaterial do Brasil, no ano= de 2009 de Goiabeiras do Estado do Espírito Santo. (Imagem retirada do livro de Sociologia volume único do ensino Médio)

¹⁵ Mulher Negra depoente dando entrevista sobre sua cultura. (Imagem retirada do livro de História do 1º ano do Ensino Médio).

¹⁶ Escritora moçambicana Paulina Chizziane. (Imagem retirado do livro de História do 3º ano do Ensino Médio).

¹⁷ Charge de Angelo Agostini que apresenta a Lei Saraiva-Cotegipe e o trem abolicionista, publicada na revista Illustrada em 1887. (Imagem retirada do livro de História do 2º ano do Ensino Médio).

da mulher negra lhe coloca em uma condição a partir de um olhar moderno-eurocêntrico como é o caso do trabalho intelectual.

Neste caso, mesmo com a predominância do trabalho informal destinado a mulher negra nas imagens, o fato de já aparecer uma imagem da mulher negra na condição de Intelectual nos mostra que o espaço do trabalho nos livros analisados são territórios em disputas que representa a Diferença Colonial, que colocam em questão a manifestação à dominação colonial, onde centra-se da lógica europeia para discorrer com as culturas dominantes para que assim possam ser restabelecidas os saberes outros dos povos subalternizados.

Assim, o livro didático não apenas reproduz a racialização do trabalho que ocorreu e ocorre na sociedade moderna-colonial-patriarcal, mas traz indícios de processos de Decolonização, pois visibiliza e valoriza o conhecimento outro ao colocar a mulher negra enquanto sujeito epistêmico.

Ainda frisamos que as funções desempenhadas pelas mulheres no âmbito trabalho informal estão predominantemente ligados às atividades domésticas, a exemplo da culinária. Isto evidencia s marcas do Patriarcado sobre as mulheres negras, não somente na família como também no trabalho, quando estão posta no trabalho informal e artesanal, é como se as mulheres negras não apresentassem capacidades para está em trabalhos de préstígio como por exemplo, ser médica.

Observamos também que os trabalhos informais desenvolvidos pelas mulheres negras estão relacionados aos aspectos da cultural afro-brasileira. Este fato nos leva a duas reflexões: a primeira que os livros trazem elementos dessa cultura que foi por muito tempo silenciada e desprestigiada; Em segundo lugar, estes elementos da cultura de matriz africana e afro-brasileira só aparecem na informalidade. Novamente, fica expresso a Diferença Colonial nos livros didáticos e a racialização da cultura e do trabalho dos povos negros.

Encontramos nas imagens das mulheres negras no **Lugar Trabalho** a tensão entre Interculturalidade Crítica (WALSH, 2008) em que centra nas diferenças, tornando possível o diálogo entre as Culturas, possibilitando o rompimento nas estruturas de poder. E a Interculturalidade Funcional na qual se vincula a uma ideia neoliberal que se anuncia a favor do “respeito” a diversidade sociocultural.

Entretanto irá folclorizar os saberes e as manifestações culturais dos povos que foram/são historicamente silenciados. Isto ocorre quando temos Mulheres Negra em trabalhos informais e intelectual presentes nas imagens. Mas ainda há o predomínio da

Interculturalidade Funcional quando há o predomínio do trabalho de menor prestígio ocupado pelas mulheres negras.

Observamos ainda que as imagens do trabalho Intelectual da mulher negra refere-se a uma autora de livros infantis que contam histórias da cultura negra. Este fato colabora para o enfrentamento do racismo epistêmico. Este enfrentamento se dá não somente pelo fato da escritora ser mulher negra, mas dela evidenciar a cultura negra como espaço epistêmico que tem memória e produz conhecimento. Assim não somente a mulher negra está em uma condição de prestígio, como também a cultura negra.

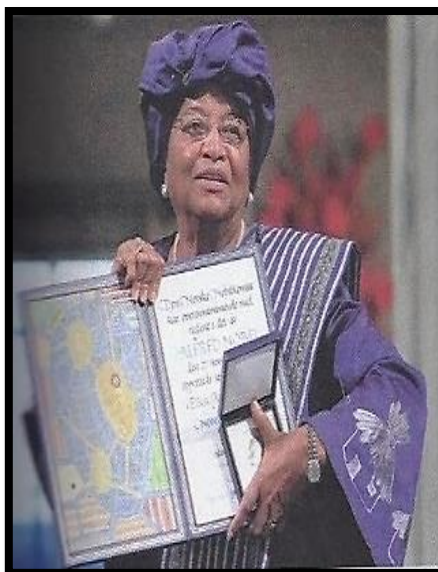
Apresentamos a seguir a Categoria do lugar da mulher negra na **Política**. Este lugar corresponderá a 29,1% das imagens analisadas que se referem aos movimentos de Luta de conquista dos povos negros.

Dessa forma, podemos entender que esse lugar ocupado pelas mulheres negras se aproximam dos movimentos de tensionamentos provocados pelas margens subalternas no espaço tempo da diferença colonial, visto que estes movimentos ainda buscam por rupturas das desigualdades e por reconhecimento, pois reivindicam mudanças nas estruturas de poder da sociedade moderna-colonial-patriarcal. Vejamos as imagens seguintes:

15¹⁸16¹⁹

¹⁸ Mulher Negra esposa do líder do Congresso Nacional Africano (CNA) Nelson Mandela. (Imagem retirada do livro didático de História do 3º ano do Ensino Médio).

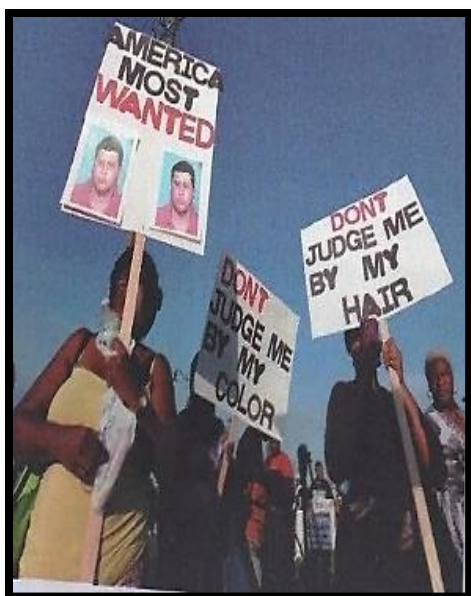
¹⁹ Mulher Negra como representante de um Organização da Unidade Africana. (Imagem retirada do livro didático de Geografia do 3º ano do Ensino Médio).

17²⁰18²¹19²²

²⁰ Foi a primeira Mulher presidenta de seu país a receber o Prêmio Nobel da Paz. (Imagem retirada do livro didático de Sociologia).

²¹ Imagem representa a rebelião popular de 1904, conhecida como Revolta da Vacina. (Imagem retirada do livro didático de Sociologia).

²² Imagem que representa movimento social. (Imagem retirada do livro de Geografia do 2º ano do Ensino Médio)

20²³21²⁴

Observamos nestas imagens que as Mulheres Negras estão ocupando um lugar de prestígio na política. Estas imagens colaboram não somente para o enfrentamento do racismo no ambiente escolar, como o enfrentamento do Patriarcado quando as Mulheres Negras além de estarem em movimentos sociais, também estão em posição de centralidade nas imagens.

Ressaltamos que o lugar da centralidade nos movimentos políticos geralmente é do homem branco e nestas imagens são as mulheres que assumem a centralidade, dando indícios de processos de despatriarcalização, nesse sentido compreendemos como possibilidade de desconstrução do patriarcado. Há nas imagens um distanciamento da Colonialidade do Poder ao visibilizar a participação da mulher negra nos espaços de lutas em busca por direitos, os quais estão relacionados aos aspectos da cultura afro-brasileira.

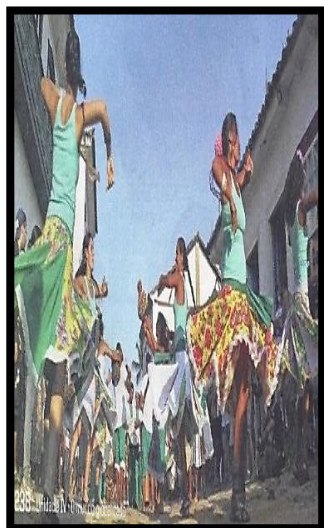
Este fato nos leva a refletir que os livros didáticos trazem elementos dessa cultura que foi por muito tempo silenciada e desprestigiada. É importante ressaltar que estes elementos apresentam a cultura de matriz afro-brasileira que aparecem na forma de movimentos sociais e no espaço político.

Assim, a mulher negra deixa de ser invisibilizada enquanto sujeito não-político, ou seja, ela deixa de estar no não-lugar das ausências da participação política, para ser visibilizada no lugar prestigiado de ação da política dos movimentos sociais.

²³ Mulheres Negras protestam contra o racismo, pela morte de Trayvon Martin, em Sandorf, na Flórida no Estado Unidos no ano de 2012. (Imagem retirada do livro de Geografia do 2º do Ensino Médio).

²⁴ Mulheres Negras fazem protesto reivindicando seus direitos durante a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável no Rio de Janeiro em 2012. (Imagem retirada do livro de Geografia do 3º ano).

Apontamos a seguir a Categoria da mulher negra no **Espaço Cultural** que está muito relacionado com a religiosidade de matriz africana. Estas imagens correspondem a 12,5% daquelas que foram analisadas. Vejamos a seguir:

22²⁵23²⁶24²⁷

Percebemos que as imagens acima apresentam as Mulheres Negras em um espaço cultural referente a religiosidade de matriz africana. Ressaltamos alguns aspectos importantes nas imagens no que diz respeito à educação intercultural e das relações étnico-raciais:

1. trazer para o livro didático a religião de matriz africana que historicamente tem sido perseguida, seja na expressão do Maracatu do Grupo Palmeira Imperial de baque virado²⁸ da cidade de Paraty no Estado do Rio de Janeiro (imagem 22) ou mesmo referente à Umbanda e ao Candomblé (imagens 23 e 24);
2. na imagem 23 faz referência a uma Obrigação de São Cosme e Damião em um ritual de Umbanda no Maranhão. Frisamos que a Umbanda é uma religião genuinamente brasileira, fruto do sincretismo religioso brasileiro. Esta religião é um exemplo da interculturalidade religiosa no Brasil;
3. na imagem 24 temos a presença de uma Igreja Católica (Igreja da Conceição da Praia) e Mulheres Negras vestidas de Baianas (roupas típicas do Candomblé) na atividade cultural da Lavagem das Ladeiras do Bonfim em

²⁵ Apresentação de Maracatu do grupo Maracatu Palmeira Imperial, em Paraty no Estado do Rio de Janeiro, no ano de 2012. (Imagem retirada do livro de História do 3º ano do Ensino Médio)

²⁶ Obrigações de São Cosme e Damião em ritual de Umbanda no Estado de Maranhão em 2009. (Imagem retirada do livro de Sociologia volume único do Ensino Médio)

²⁷ Baianas em frente da Igreja Católica da Praia em lavagem do Bonfim na Bahia em 2009. (Imagem retirada do livro de Sociologia volume único do Ensino Médio)

²⁸ O Maracatu de Baque Virado é uma manifestação cultural de origem pernambucana que apresenta um ritmo mais lento e executado com bastante violência.

Salvador na Bahia. Este fato possibilita a ideia de diálogo inter-religioso que faz parte dos princípios da educação das relações étnico-raciais. Espaço esse que coloca a mulher negra como sujeitas ativas em sua atividade cultural.

Há de fato uma quebra do paradigma de que o lugar da mulher negra seja destinado apenas ao fazer doméstico, como se a mesma não tivesse autonomia de escolher o lugar onde quer está. Nota-se assim nas imagens uma aproximação da Interculturalidade Crítica por apresentar a visibilidade da mulher negra em seu lugar papel na cultura negra.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na construção deste trabalho procuramos identificar, caracterizar e relacionar o sentido do lugar e do papel atribuído a negra nos Livros Didáticos aprovados pelo PNLD-2015, uma vez que os lugares e os papéis e os não-lugares e os não-papéis nos indicam os sentidos atribuídos a mulher negra nos livros didáticos analisados.

Notamos a partir das Categorizações: **Família, Trabalho, Política e Espaço Cultural**, que os lugares-papeis atribuídos à mulher negra nos livros didáticos se materializam majoritariamente na condição do passado, mas mesmo com essa predominância há a representação das mulheres negras como sujeitas ativas na participação em movimentos sociais e lugares de prestígio que antes era apenas ocupado pela classe eurocêntrica.

Os Livros Didáticos pesquisados trazem elementos culturais e identitários no contexto de tensões entre Colonialidade/Decolonialidade. Nesse viés, destacamos que as imagens apresentam a forte influência da Colonialidade do Poder, Ser e do Saber e da Interculturalidade Funcional, pois as Mulheres Negras são retratadas na condição de subalternas e ainda presas ao passado. Assim, destacamos a importância de realizarmos análises sobre os Livros Didáticos na busca de contribuir no processo de Decolonização dos currículos e das práticas que historicamente foram fundantes para seguir a lógica colonial/eurocêntrica.

Dessa forma, identificamos que os lugares e os papéis atribuídos a mulher negra estão condicionados em duas direções:

- pela Herança Colonial, ou seja, o que significa dizer que não ocupam o mesmo lugar que a cultura branca, sendo assim, a mulher negra está predominantemente nos lugares e nos papéis que são marcados de tal forma pela Colonialidade do Poder, do Ser e do Saber. E quando diz respeito a mulher negra essa natureza de papéis irá sendo direcionados a uma percepção de minoria, de servas, passivas e em condições de serem donas de casa-doméstica-cuidadoras dos filhos. Nessa percepção, podemos relacionar os lugares-papeis com os não lugares-papeis na construção dos sentidos atribuídos a Negra nos livros didáticos a partir do silenciamento posto na imagem que forja a mulher negra quando visualizamos as formas de inferiorizações disseminados na ideia da legitimação entre classes, o que significa dizer as relações de domínio e de submissão;

- pela Interculturalidade Crítica quando estão nos livros didáticos analisados, imagens mulheres negras que valorizam sua cultura, religiosidade e participação política.

Portanto, as análises das imagens indicam que apesar das reivindicações dos movimentos sociais e da implementação da Lei 11.645/08, o currículos exposto nos Livros Didáticos estão inscritos na tensão entre Colonialidade e Decolonialidade.

Vale ressaltar a importância em saber que todas as conquistas alcançadas pelas mulheres negras, constitui-se de muita luta, uma vez que não há desvinculação da contradição na relação entre capital e trabalho.

A elas e a nós enquanto sociedade precisamos despertar a lutar para que assim possamos conseguir um dia chegar a uma democracia digna igualitária, a qual visualizará todos como independentes de raça, gênero ou classe. É necessário ainda que o Estado possa intervir de maneira mais eficiente através das políticas públicas, uma mudança a esse contexto de desigualdade e preconceito existente diante a sociedade.

Terminamos a pesquisa vendo o quanto é importante nos debruçarmos sobre os livros didáticos por estes ainda serem os principais recursos dos professores na materialização do currículo. Estes podem ser utilizados tanto para consolidar a Colonialidade principalmente do Poder e do Ser, quanto também podem ser problematizados nos aproximando de uma perspectiva Intercultural da Decolonialidade. Por isto resta-nos saber como os professores se deparam com essas imagens e como eles trabalham com as mesmas?

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BITTENCOURT, Circe. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BRASIL, Ministério da Educação. **Decreto 7.352, de 4 de novembro de 2010** (Dispõe sobre a política de educação do campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA).

CANDAU, V. M.; RUSSO, K. Interculturalidade e educação na América Latina: uma construção plural, original e complexa. In. **Revista Diálogo Educacional**, vol. 10, núm. 29, jan. Abril, 2010, pp. 151-169 Pontifícia Universidade Católica do Paraná Brasil.

CASTILLO, Madeleine Zúñiga; MALLET, Juan Ansión. **Interculturalidad y educación en el Peru**. Lima: Foro Educativo, 1997.

CARNEIRO, Sueli. Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v.10, n.1, 2002. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104026X2002000100011/8774>> Acesso em: 29 jul. 2016.

CLASCO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Setembro. P. 201-245. 2005.

FANON, Frantz. **Em Defesa da Revolução da África**. Paris, junho-novembro de 1956.

Ferreira, R. F. (2009). **Afro-descendente: identidade em construção**. Rio de Janeiro: Pallas.

GÓMEZ, S.; GROSGOUEL, R. **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

HALL, Stuart. (Org.) Representation. Cultural Representations and Signifying Practices. Sage/Open University: London/ Thousand Oaks/New Delhi, 1997.

HOOBS, Bell. Feminist theory: from margin to center. Boston: South End Press, 1984.

MARCONDES, Mariana Mazzini et al. **Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil**. Brasília: Ipea, 2013.

MIGNOLO, Walter D. **Desobediência Epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política**. Cadernos de Letras da UFF – dossiê: Literatura, língua e identidade, nº 34, p. 287-324, 2008.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação infantil**; Fundamentos e Métodos. São Paulo: Cortez, 2002.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2007.

OLIVEIRA, Marco Antonio de. **O Negro no ensino de história**: temas e representações. 2000. (Dissertação de Mestrado em educação) Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina. In. LANDER, Edgardo (Org.). **A Colonialidade do Saber**: eurocentrismo e Ciências Sociais. Trad. Júlio César Casarin Barroso Silva. 3 ed., Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 227-278.

SACRISTÁN, José Gemenio. **O currículo**: uma reflexão sobre a prática. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

SACRISTÁN, José Gimeno. **Saberes e Incertezas sobre o Currículo**. Porto Alegre: Penso, 2013.

SILVA, Maria Nilza da. A mulher negra. **Revista Espaço Acadêmico**, nº 22, mar. 2003. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/022/22/csilva.htm>. Acesso em: 05 jul. 2016.

SILVA, Tomás Tadeu da. **Teorias do Currículo**: uma introdução crítica. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SPELMAN, Elizabeth. Inessential woman: problems of exclusion in feminist thought. Boston: Beacon Press. 1988.

VALA, Jorge. A Análise de Conteúdo. In: SILVA, Augusto Santos; PINTO, José Madureira (Org.) **Metodologia das Ciências Sociais**. Porto, 1999.

WALSH, Catherine. Interculturalidad, plurinacionalidad y decolonialidad: las insurgências político-epstémicas de refundar el Estado. **Revista Tabula Rasa**, n. 9, 2008.

WALSH, Catherine. **Interculturalidad y (de) colonialidad: diferencia y nación de outro modo**. 2006. <http://www.ceapedi.com.ar/imagenes/biblioteca/libros/37.pdf>.